Memória e Ressentimentos: Pedro Ludovico Teixeira

Marilena Julimar Aparecida Fernandes [1]

Resumo:

Este estudo tem como objetivo apresentar algumas considerações sobre a subjetividade e o político de Pedro Ludovico Teixeira, a partir da leitura de sua obra *Memórias*. Nossas reflexões centram-se em apontamentos acerca de memória e ressentimentos colocados recentemente em discussão pela História.

Abstract:

This study has as objective to present some considerations about the subjectivity and the politics of Pedro Ludovico Teixeira, starting from the reading of his masterwork *Memórias*. Our reflections centre on appointments about memories and resentments which were put fouward recently in discussion by History.

> *Questão sensível a das memórias acorrentadas a ressentimentos. Questão delicada, pois nos obriga a explorar regiões e temas a que somos resistentes, parte da historia dos ódios, (...) das hostilidades (...). Sem dúvidas lugar da humilhação, que porém, com freqüência se apoia na linguagem da resistência passiva ou da aquiescência indecorosa (...)* (Bresciani e Naxara, 2001)

O presente texto, a partir de algumas considerações sobre memória e ressentimentos, visa a apontar algumas reflexões, ainda preliminares[2], sobre as subjetividades e o político; para tal objetivo, utilizaremos como fonte a obra *Memórias*, de Pedro Ludovico Teixeira. Segundo o autor, "deixando de ser Senador, já em idade avançada e não tendo um trabalho certo com que me distrair, procurei tê-lo, rabiscando estas linhas que constituem este livro." (Teixeira, 1973: 8).

[1] Graduada em História CAC/UFG; Mestranda em História na UFU – Universidade Federal de Uberlândia – MG.

[2] Este texto faz parte de um Projeto maior que está sendo desenvolvido como Dissertação de Mestrado em História na UFU.

Pedro Ludovico Teixeira nasceu em 23 de outubro de 1891, na cidade de Goiás, onde cursou o primário e o ginasial. (Teixeira, 1973; Machado, 1990). Mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar medicina. Ao concluir seus estudos no Rio de Janeiro, retornou a Goiás.

Pedro Ludovico casa-se, em 1918, com Gercina Borges e fixa residência em Jataí; em 1919, retorna a Rio Verde. Segundo Machado (1990: 94), a partir daí foram "lançadas as raízes de uma vida política que somente seria interrompida pela morte, em 1979".

A "militância na imprensa", afirma Machado, foi de fundamental importância para a "iniciação" política de Ludovico. Era pelo jornal *O Sertão*, mais tarde intitulado *O Sudoeste*, que estendia críticas ao caiadismo.[3] Ludovico era, também, representante da *Voz do Povo no Sudoeste*, e manifestava sua colaboração por meio de artigos, editoriais e telegramas denunciando fatos que se passavam na região.

Dessa forma, segundo Machado, Ludovico passa da atividade jornalística para a reação efetiva, permeada de tensões e embates com representantes do governo. Para a autora, Ludovico era o "esteio" à oposição que combatia o governo Caiadista na Capital e no Sudoeste passando a exercer uma certa liderança na região.

Em suas *Memórias,* Ludovico afirma que várias vezes foi preso por policiais militares "a mando" de líderes da oposição, como o Senador Antônio Ramos Caiado. O autor menciona, também, sua participação ativa na luta armada na "Revolução de Trinta" em Goiás: "no dia 04 de outubro de 1930 (...) em território goiano tivemos o primeiro choque (...) houve luta (...) a força policial bateu em retirada e nós entramos na cidade (...). Continuei em direção a Rio Verde (...) fui preso (...)." (Teixeira, 1973: 35-7)

Alguns dias após ser libertado, dirigiu-se à cidade de Goiás, Capital do Estado; onde, imediatamente após sua chegada, juntamente com alguns amigos, invadiu e tomou o Palácio do Governo do Estado. Consolidou-se, assim, a vitória dos revolucionários.

Em 29 de outubro de 1930, foi formada uma Junta Governativa para representar o poder em Goiás e Pedro Ludovico Teixeira assumiu

[3] A referência ao caiadismo diz respeito a uma das mais importantes famílias goianas, os Caiado, que se mantiveram no poder político e econômico em Goiás por todo o período da chamada "Primeira República". Em 1930, o Senador Antônio Ramos Caiado manteve-se fiel ao governo Washington Luís, e comandou, em Goiás, a resistência e ofensiva contra a Aliança Liberal.

o controle do Estado, como Interventor Federal até 1945.

Segundo o autor, depois de 1942, quando se deu a inauguração de Goiânia, até outubro de1945, nada de interessante ocorreu na sua vida de político e administrador. Novo fato relevante ocorreu quando "em 12 de outubro de 1945, houve o golpe militar contra o Presidente Getúlio Vargas e fui afastado da Interventoria Goiana" (Teixeira, 1973: 238). Logo após, houve eleição para o Senado Federal e Ludovico foi eleito Senador.

Em 1951, interrompe seu mandato de Senador para se candidatar ao cargo de Governador do Estado de Goiás. Foi eleito e assumiu, por apenas três anos e meio, o Governo do Estado. Afastou-se do governo para se candidatar ao Senado pela segunda vez, sendo novamente eleito em 3 de outubro de 1954.

Seu segundo mandato deveria terminar em 1963. Entretanto, em 1962, Ludovico candidata-se, pela terceira vez, ao Senado Federal alcançando um mandato de oito anos. Sabemos que Pedro Ludovico exerceu seu mandato de Senador Federal até 1969, pois, neste mesmo ano, teve seu mandato suspenso e seus direitos políticos cassados por dez anos.

Em 1979, aos 87 anos, Ludovico sofre um enfarte e vem a falecer. Em seu túmulo, em Goiânia, encontramos a seguinte frase: "Um homem que fez tudo para o progresso de Goiás construindo Goiânia."

A obra tomada como análise é um livro de memórias que pode ser dividido em quatro momentos: no primeiro, apresenta uma autobiografia; no segundo, o autor narra sua participação ativa no movimento revolucionário de 1930 em Goiás, além de sua experiência política como Interventor Federal nomeado por Getúlio Vargas a partir da "Revolução de Trinta", e também, como Governador eleito por três mandados nesse mesmo Estado. No terceiro momento do livro, o autor narra todo o processo de construção e transferência da capital do Estado da Cidade de Goiás para Goiânia, seu maior projeto político; no quarto momento, menciona rapidamente suas atividades no Senado Federal até 1964.

A concepção de História do autor é descritiva e linear. Ludovico constrói sua narrativa a partir da atuação de alguns personagens de destaque como Carlos Pinheiro Chagas[4], Dr. Mário de Alencastro

[4] Médico mineiro, comandante da Coluna Arthur Bernardes.

Caiado[5] , Domingos Neto de Velasco[6] , entre outros. Com relação aos fatos históricos, o peso dado é diferenciado. Alguns são poucos explorados, como, por exemplo, sua atuação como Senador. Ou seja, notamos que a narrativa, centrada na história política, destaca sua atuação no processo de construção e mudança da capital do Estado, isto é, de 1930 a 1942.

A marca essencial do livro é o fato do autor ter sido testemunha da maioria dos acontecimentos. Segundo Ludovico, "como a mocidade do meu Estado conhece mal, ou não conhece os eventos políticos sucedidos em nosso meio, em eras pretéritas, é que decidi narrar alguns episódios esclarecedores do assunto." (Teixeira, 1973: 57).

Utiliza, também, vários discursos de políticos importantes, como Getúlio Vargas, Interventor Federal na década de trinta, Juscelino Kubitschek, Presidente do Brasil em 1960; intelectuais como o Dr. Teixeira de Freitas, Secretário Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística na década de 40; artigos publicados em diversos jornais como *O Araguari*, de Minas Gerais, *O Diário de São Paulo*, *O Ipameri*, de Goiás, *Lavoura e Comércio*, da cidade de Uberaba - Estado de Minas Gerias; *A Tarde*, de Ribeirão Preto - São Paulo, entre muitos outros publicados entre 1930 e 1960.

Percebemos que o livro possui uma narrativa de cunho moral: deve-se aprender com ela, e, em particular, com os exemplos destacados pelo autor como dignificantes, pelos quais procura se apresentar como um como um político integro, honesto, corajoso, leal. Pensamos que as mediações entre o presente da rememoração e o passado rememorado, existentes na narrativa da obra, têm como objetivo resgatar sua importância para a vida política do Estado de Goiás, além de deixar para a juventude do Estado o exemplo de honestidade, bravura, dignidade, de um homem destemido e, principalmente, protestar contra sua cassação e suspensão dos direitos políticos que lhes foi imposto pela Junta Militar.

Nessa obra, Pedro Ludovico faz pouquíssimas referências à sua

[5] Dissidente da família Caiado aliado de Pedro Ludovico Teixeira.

[6] Antes de 1933, Velasco era aliado de Pedro Ludovico, após essa data, ambos almejavam a chefia política do Estado de Goiás, por esse motivo Velasco rompeu com Pedro Ludovico e aliou-se aos Caiado. Foi o único candidato da oposição a se eleger Deputado Estadual.

trajetória como Senador de Goiás, além de algumas alusões à cassação de seu mandato e à suspensão de seus direitos políticos. Contudo, entendemos a sua publicação como uma "manifestação" contra a situação em que se encontrava. Dentro desse contexto de protesto, entendemos que o autor encontrava-se, de certa forma, ressentido, magoado, sentindo-se injustiçado pelo presente.

Temos consciência da dificuldade de se trabalhar com os sentimentos, as subjetividade humanas, e ainda mais, como nos ensina Ansart(2001):

> *A dificuldade é redobrada quando se trata não somente de analisar os ódios, mas de compreender e explicar aquilo que precisamente não é dito, não é proclamado; aquilo que é negado e que se constitui, entretanto, como um móbil das atitudes, concepções e percepções sociais. O objeto esquiva-se; é preciso formular a hipótese de sua importância e reconstituir o invisível que se não é totalmente inconsciente, ao menos, em parte, é não consciente. É preciso formular a hipótese do papel do inconsciente na política, hipótese audaciosa em seu princípio e em suas realizações.* (p. 28)

Consideramos que a lembrança de fatos políticos ou públicos, muitas vezes, demonstra um discurso com características de "ajuste de contas" com o passado; com efeito, a leitura social do passado é realizado com os olhos do presente, tornando o seu teor ideológico mais visível.

Na memória política (Bosi, 1994), os juízos de valor intervém com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica "neutra". Ele quer também julgar, marcar bem o lugar em que se inscreve na história, e reafirmar sua posição ou matizá-la.

A memória dos acontecimentos políticos suscita uma palavra presa à situação concreta do sujeito. Consideramo-la para abordar a situação presente de quem está lembrando visando a compreender melhor a formação de seu ponto de vista. Refletindo sobre a obra de Pedro Ludovico nesse contexto, verificamos que a ligação que se forma entre o sujeito (Ludovico) e a sociedade estava marcada pela *marginalidade* política quase absoluta em que se encontrava naquele momento. Pedro Ludovico encontrava-se ausente das decisões políticas durante o Regime Militar, quando comparada à sua presença ostensiva

anterior ao Golpe Militar de 64.

Existe um *"antes"* e um *"depois"* na memória de Ludovico. Antes de 64, na memória do autor, significou o auge de sua participação e decisão política. Sua lembrança apresenta-se marcada por intensa saudade de um tempo "melhor", quando era o ator principal da política Goiana. Pós-64 é lembrado como o tempo da hostilidade, da indiferença, o sujeito Ludovico torna-se, para a sociedade política do Estado de Goiás, descartável, substituível.

Entretanto, ao tentar entender a obra de Pedro Ludovico dentro do contexto de um resgate da memória ressentida, em um primeiro momento, procuramos levantar um conceito de ressentimento que nos possibilitasse analisar a obra *Memórias.*

A noção de ressentimento(Konstan, 2001) é complexa e de difícil conceituação. Pensamos que o ressentimento manifesta-se em momentos em que alguém se sente ofendido ou injustiçado pela ação de outros. Refletindo sobre a obra de Pedro Ludovico, notamos que o autor colocava-se nessa situação perante à Junta Militar. Podemos perceber esse ressentimento quando Ludovico, em um texto de seu livro intitulado *Lealdade Sem Servilismo*, ressalta: "Os que me tiraram os direitos políticos e me arrebataram um cargo que sempre conquistei em pleitos livres e tendo como opositores homens de valor e, às vezes, concitados de situações dominantes, deviam se lembrar que nunca fui incondicional aos que dirigiam o Brasil.". (Teixeira, 1973: 256).

O ressentimento pode ser entendido como um sentimento duradouro e não passageiro, "o ressentimento é cultivado e acalentado". (Konstan, 2001:61). Quanto à obra em questão, verificamos que o ressentimento de Pedro Ludovico perdura muito, no entanto, o autor não se coloca em uma situação de impotência diante da realidade em que se encontra. O próprio livro pode ser entendido como uma manifestação contrária ao presente de cassação.

O ressentimento do autor está direcionado à situação política em que se encontra. Esse sentimento possui uma razão específica, volta-se contra a situação presente e persiste enquanto persistir este presente. Ludovico, desta feita, sente-se ressentido e "passional", impotente, perseguido, injustiçado.

Esse sentimento de injustiça é notável, pois Ludovico sente-se traído, magoado, ressentido, uma vez que, no passado, segundo suas memórias e a historiografia goiana, foi alguém que trabalhou pelo

progresso do Estado, além de ter assumido o comando político e, nesse momento, é afastado, excluído das decisões políticas governamentais. Nesse aspecto, o próprio Pedro Ludovico, ao fazer um balanço de sua atuação como Interventor, Governador e Senador pelo Estado de Goiás, enfatiza: "Fui um enamorado, um entusiasta de nossa terra. Por isso, dei-lhe toda a minha capacidade de trabalho, todo o ardor da minha mocidade, todas as minhas esperanças e todo o calor das minha convicções, quando ela era apenas uma expressão geográfica no seio da Federação". (Teixeira, 1973: 255).

E ainda, esse sentimento fica claro quando resgata um artigo publicado no jornal *Correio Oficial*, em 1935, ano em que o Governo de Goiás foi transferido para Goiânia. O artigo, intitulado *Mais do que as palavras bonitas valem os bons exemplos*, enfatizava: "O seu bem estar, o seu repouso, jamais foi ou será um motivo para que ele deixe de atender, ou mesmo para que adie a solução de um negócio, de um problema que se relacione com o Estado." (Teixeira, 1973: 133). Na perspectiva de Ludovico, os interesses do Estado estavam acima de seus próprios interesses, tendo, durante 39 anos, trabalhado em função do bem coletivo, nesse momento de cassação, todo seu trabalho e sacrifício foram "esquecidos".

Podemos, também, notar o ressentimento do autor quando ele recorre a um discurso proferido pelo Dr. Guimarães Lima[7], em 1937, momento em que foi assinado o Decreto de transferência da Capital do Estado. Nesse aspecto, o autor recorre ou resgata a imagem de Joana D'arc enfatizando:

> *O povo francês, em cuja pátria foi Joana D'arc o anjo tutelar, a flor puríssima da alma de uma grande raça, tinha visto seu esplendor traído pelos seus próprios amigos, lutando, isolado, contra a conspiração da Europa, antes despedaçados que vencido, sublime e comovente nas despedidas à França, exilado, na vastidão imensa do oceano, nos rochedos de uma ilha*

[7] Não podemos precisar, exatamente, qual função exercia o Dr. Guimarães Lima em 1937, quando proferiu o discurso resgatado por Pedro Ludovico, uma vez que a obra é uma rememoração. O autor ressalta que: "O Dr. Guimarães Lima atual Procurador de Justiça em Brasília (...)" porém, a Capital Federal só foi inaugurada em 1960.

> *solitária, e morrendo, as mão juntas sobre o coração, e os olhos fixos na imagem da pátria ausente (...).* (Teixeira, 1973: 152)

Entendemos esse resgate da imagem de Joana D'arc, uma vez que esta, depois de tanto lutar em benefício do povo francês, foi traída por seus próprios aliados, no sentido de protestar contra o presente. Naquele momento, Ludovico estava sendo cassado e seus direitos políticos suspensos pela Junta militar, portanto, sentiu-se traído e abandonado por seu próprio país. A imagem de Joana D'arc é significativa. Além da coragem e heroísmo que Ludovico procura atribuir a si mesmo por transferência simbólica, no presente da cassação, outro aspecto pode ser ressaltado: a construção simbólica não é algo que se impõe à realidade, mas algo que se retira da realidade e se potencializa, dando vida própria à força explicativa.

Dentro desse pensamento de insatisfação, protesto, ressentimento, Ludovico resgata, também, a imagem de Pilatos. O autor compara a Junta Militar a Pilatos, uma vez que, segundo a História Cristã, este tinha conhecimento da inocência de Jesus, mas nada fez para impedir sua condenação:

> *Pilatos, (...) verificou que ele era um justo, era um iluminado pelos bons princípios, pelo sentimento da paz, da concórdia, do convívio harmonioso entre todos, que ele não tinha nenhum crime, mas lavara as mãos, deixando que fosse executado pela sanha, pela maldade, pelas perversões do populacho (...) Pilatos assim agiu, (...) pelo medo de Roma, cujos alicerces Jesus abalava com a sua doutrina.* (Teixeira, 1973: 158-9)

Segundo a História Cristã, Jesus representava um perigo para o Império Romano por divulgar idéias contrárias ao Imperador, além de ser justo, "iluminado" por bons princípios, pelo sentimento de paz. Pedro Ludovico, no decorrer do livro, também, ressalta suas imagens de pacificador, entre outras discutidas anteriormente.

Contudo, é importante ressaltar que Ludovico colocava-se como uma ameaça para o Governo Militar e considerava ser esse o motivo de sua cassação. Para o autor, suas idéias representavam ameaças e por isso foi cassado. Sobre esse aspecto, em um texto de seu livro,

intitulado *Lealdade Sem Servilismo*, assinala:

> *Esperava-a, não porque fosse corrupto, não porque fosse subversivo, não porque tivesse qualquer mácula na minha vida, mas porque não me submetia a um Governo, ou melhor, aos imperativos de Revolução de março de 1964, que se chocavam com minha espiritualidade. (...) Fui sempre escravo de meus princípios, de minha dignidade, de minha lealdade política sem condicionalismo, sem nunca ter sido capacho de ninguém (...).* (Teixeira, 1973: 256-7)

A análise da obra *Memórias*, permite-nos afirmar que Ludovico, de certa forma, sente-se vítima de um presente – Ditadura Militar – que o prejudica, fere sua liberdade, com efeito, constrói para si a imagem de um homem justo, honesto, inocente, no entanto, explicitamente não classifica os militares de bons, ruins, injustos ou traidores. O ressentimento, o sentimento de hostilidade é manifesto na tentativa de reconstruir um passado que acredita glorioso.

Entendemos que a memória dos fatos é diferente da memória dos sentimentos, contudo, esses sentimentos estão atrelados aos fatos, isto é, à memória dos sentimentos das pessoas envolvidas nesse fatos. Narrar um fato é muito diferente de resgatar a memória dos sentimentos de quem o viveu.

Referências Bibliográficas

ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos.* 3 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.* Campinas – São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001.

KONSTAN, David. Ressentimento – História de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.). Memória e

(res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas-S.P.: Editora da UNICAMP, 2001.
MACHADO, Maria Cristina Teixeira. *Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história*. Goiânia: CEGRAF, 1990.
TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memórias*. Goiânia: Ed. Cultura Goiana, 1973.